

# traição

v. s. alexander

Tradução de José Remelhe



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Dedicado àqueles que lutaram e deram a vida pela liberdade*



## PRÓLOGO



### *Kristallnacht*, 9 de novembro de 1938

A Noite dos Cristais

**N**o escuro, a mente pode pregar-nos partidas. Foi isso que pensei quando o barulho me chegou aos ouvidos, no início indistinto, como gotas a cair num fontanário, seguido de distantes estrondos que fenderam e fragmentaram a atmosfera. Esfreguei os olhos para afastar o sono, peguei nos óculos e espreitei pela janela por cima da minha escrivaninha. O relógio de prata que estava lá pousado indicava que já passava da uma hora da madrugada. Era o dia 9 de novembro, o décimo quinto aniversário do malogrado *putsch* de Munique, época de memoriais e comemorações dos nacionais-socialistas que se realizavam por toda a Alemanha em memória dos nazis mártires. Deveria estar toda a gente a dormir, mas escutei outros barulhos de igual modo agoirentos.

Risadas e vaias abafadas entraram pela janela. Abri o ferrolho e ouvi as vozes a difundir-se por Munique; pareciam advir de todos os recantos da cidade, brotar da própria terra. Chegaram-me aos ouvidos vozes indistintas, suspensas no ar, em cânticos: «*Juden, Juden, Juden.*» Estremeci ao ouvir o dilúvio de gritos de raiva e ódio.

Acendi o candeeiro da escrivaninha e um brilho descorado e amarelento inundou as folhas em cima do meu mata-borrão — eu passara longas horas a estudar antes de ir para a cama. Esfreguei os olhos fatigados, pus os óculos, levei as mãos à cara e espreitei pela janela manchada de fuligem do meu quarto no terceiro andar na Rumfordstrasse.

Olhei para lá do pináculo pontiagudo da Igreja de São Pedro, a «velha

Pedro», como os meus pais costumavam chamar-lhe e, para lá dos edifícios de pedra que ladeavam as ruas, o fumo a formar espirais, juntando-se às nuvens que toldavam a lua cheia. Chamas tremeluziam no firmamento enquanto o fumo negro se espalhava pelo céu como tinta largada num balde de água.

Munique fora erigida com pedra e madeira e os bombeiros não tardariam a chegar para apagar as chamas. Senti na barriga uma sensação que experienciara poucas vezes antes. A sensação fez-me recordar aquela vez em que, tinha eu 7 anos, me afastara da minha mãe num grande armazém comercial quando chegáramos a Munique. Sentira um medo peculiar. Um velho simpático de fato azul com um forte cheiro a tabaco e água-de-colónia ajudara-me a encontrar a minha mãe. O homem falava alemão com um forte sotaque e usava um chapéu redondo sobre os cabelos grisalhos. A minha mãe abraçou-me e esqueceu-se de que estava furiosa por eu me ter afastado. Mais tarde, disse-me que se não fosse aquele judeu, alguém poderia raptar-me. Falara num tom monocórdico e calmo, muito diferente das vozes do lado de fora da janela.

Esta noite de novembro fez-me sentir outra vez esse pânico de outrora, uma culminância esmagadora, como tijolos a ser empilhados, por força das mudanças que haviam varrido a cidade à medida que o nacional-socialismo se espalhara, primeiro com pequenos passos, depois em traiçoeiros saltos e pinotes. As minhas amigas judias, que em tempos foram numerosas, na época em que aquele velho fora o meu salvador, estavam agora distantes, muitas a dizer-me que eu ficava melhor sem elas. As suas palavras entristeciam-me enquanto se afastavam. Eu queria continuar a ser amiga delas, mesmo que elas preferissem não ser vistas nem ouvidas, abrigando-se nas suas casas como ratos esquivos e silenciosos.

Em 1938, o Reich exerceu a sua incriminação e repressão, não só sobre a minha família, mas também sobre todos os cidadãos que não eram fervorosos nazis. Por vezes, a tensão que retumbava sobre Munique roçava a paranoia, com uma agitação terrível de fazer gelar o sangue e que acarretava um preço tenebroso — nunca se sabia quando a Gestapo poderia vir buscar o nosso vizinho ou a nós mesmos.

Conforme estes pensamentos ocuparam a minha mente, o incêndio aumentou de intensidade e o céu nublado refletiu uma amálgama infernal de tons amarelos e cor de laranja incandescentes, matizada por florações negras. Depois ouviram-se mais estrondos, o ruído de metal a fender e vidros a quebrar, mas não se ouviram sirenes.

Com 16 anos, eu era demasiado jovem para sair da casa dos meus pais sem pedir autorização, mas já tinha idade para ter curiosidade — e medo — em relação àquilo que via e ouvia. Atravessei o corredor em bicos de pés e espreitei para o quarto dos meus pais, que estavam a dormir tranquilos debaixo dos cobertores, a respiração letárgica e ritmada.

Voltei para o meu quarto sem fazer barulho, apaguei o candeeiro e tentei adormecer enquanto temia pela cidade que considerava ser a minha casa.

— Talya — chamou a minha mãe na manhã seguinte, à porta do meu quarto.

Levantei-me na cama.

— Sim?

A minha mãe, Mary, bateu com o pé no chão como era costume fazer quando eu não me levantava a horas.

— Vais chegar atrasada à escola. — Virou-me costas e atravessou o corredor rumo à cozinha, o vestido preto a encrespar-se à volta do corpo, os sapatos a bater no chão de madeira. A minha mãe sempre manteve a sua atitude burguesa, apesar do facto de a vida na Alemanha ser mais dura do que os meus pais pensaram antes de deixarem para trás a nossa terra natal, a Rússia. Fosse a que horas fosse, ela parecia sempre que estava vestida para ir às compras. Outro hábito que se recusava a deixar era chamar-me pelo diminutivo do meu nome. Essa mania agastava-me, pois eu já não era uma criança — fizera 16 anos no dia 16 de maio. Todas as minhas amigas, e com certeza os rapazes que eu conhecia e de quem gostava na escola, tratavam-me pelo nome completo: Natalya.

— Hoje não há escola. É feriado nacional. — Bocejei e estiquei-me para a janela para ver se o incêndio ainda estava a lavar.

A minha mãe regressou, fulminando-me com o olhar por causa da minha atitude indolente.

— *Herr* Hitler cancelou o feriado. *Herr* Hess vai discursar logo à noite. Pouco me importa que não haja escola. Se não houver, podes ir comprar linha para eu remendar as meias do teu pai.

Fiquei sem saber o que fazer. Se o feriado fora cancelado, as lojas estariam abertas ou fechadas? Além disso, era quase impossível encontrar artigos de costura, pois a disponibilidade de tecidos rareara para suprir as necessidades de expansão da Wehrmacht. Lavei-me, vesti-me e juntei-me aos meus pais para tomar o pequeno-almoço.

— Viste o incêndio? — perguntei à minha mãe depois de me sentar.

Ela ocupou-se dos tachos no fogão e não respondeu. O meu pai, Peter, levou à boca uma colherada de papas e fitou-me com um olhar severo. Estreitou os olhos e disse:

— Vândalos. Um disparate. — Mastigou e apontou a colher na minha direção. — Mantém-te longe deles.

— Como sabes que foram vândalos? — indaguei.

As sobrancelhas pretas do meu pai uniram-se por cima da cana do nariz.

— Hoje em dia há muita gente que tem medo de falar, mas algumas fazem-no, mesmo de manhã cedo, quando os vizinhos se juntam no átrio.

— Eu não me dou com arruaceiros — asseverei-lhe enquanto me atirava às papas de aveia. Ao contrário do estilo mais jovial da minha mãe, o meu pai tinha uma abordagem à vida muito séria, própria de um educador rigoroso. Assim que entrei na idade da adolescência, senti-me magoada com as ordens autocráticas que ele regurgitava para mim como se fossem trivialidades. «Não» e «nem pensar» eram postulados do seu vocabulário.

Quando acabei de comer, regressei ao meu quarto e estudei o problema de álgebra em que estivera a trabalhar na noite anterior. Frustrada com a minha incapacidade para o solucionar, atirei a problemática folha e a caneta para junto do manual de biologia. O manual estava aberto na página do título com a águia de asas abertas empoleirada na suástica envolta num círculo; lampejou como se a tinta preta tivesse sido impressa no dia anterior. Aqueles símbolos faziam parte do nosso quotidiano — não havia como os evitar.

Limpei os óculos e pensei se conseguiria esgueirar-me com a minha amiga Lisa Kolbe. Ela sabia mais da vida e dos interesses mundanos do que eu. Eu achava-a mais bonita, mais extrovertida, com uma mentalidade menos sombria do que a minha — herdada dos seus pais germânicos —, que era muito diferente por viver no lar do meu pai soviético. A Lisa fazia amigos com facilidade, coisa que eu também admirava. Conhecíamos-nos há anos, pois tínhamos apenas alguns meses de diferença e vivíamos no mesmo prédio.

Escutei duas pancadas vindas do teto do andar de baixo. Não foram muito fortes, mas eu senti a vibração nos dedos dos pés. A Lisa estava a enviar-me a nossa mensagem de sempre para nos encontrarmos. Vesti o casaco e saí para a sala de estar.

O meu pai estava a acabar de beber o chá e a ler um livro proibido

— uma tradução germânica da *Summa Theologica* de São Tomás de Aquino. Ele guardava aquele livro, junto com mais alguns ilegais, escondido detrás da estante, como se aquele esconderijo improvisado nunca pudesse ser descoberto. O meu pai nunca lia um livro proibido em público e, como a nossa família era recatada, era pouco provável que o seu esconderijo fosse encontrado.

Fitei-o por instantes enquanto os seus olhos absorviam as palavras. Em breve, abandonaria a leitura e iria para a farmácia onde trabalhava como assistente do farmacêutico — um emprego idêntico ao que tivera na Rússia antes de se mudar para Munique.

A minha mãe deu-me *reichsmarks* para comprar linha preta se encontrasse uma loja aberta, não sem antes o meu pai me dar uma implacável admoestação:

— Não te metas na vida alheia.

Despedi-me dos meus pais com um beijo, saí para o corredor poeirento e desci os degraus sem fazer barulho. A Lisa estava no corredor sombrio, envergando os seus collants e casaco, a cara parcialmente iluminada pela única lâmpada ao cimo das escadas. Tinha os cabelos louros, quase prateados, com um corte elegante que lhe emoldurava o rosto e as orelhas. O trejeito que eu conhecia tão bem brindava-me com o seu habitual sorriso atrevido.

— Então, aonde vamos? — perguntou.

— Comprar linha.

— Que interessante — retorquiu e fingiu um bocejo.

— É, não é?

— Os meus pais foram trabalhar. — O sorriso deu lugar a um esgar travesso. — Temos de ir ver o que aconteceu a noite passada!

Eu estava tão entusiasmada como ela para saber o que acontecera e mais do que disposta a ultrapassar os limiares das ordens do meu pai. Descemos os últimos degraus a correr e saímos para a rua. Uma aragem fraca carregou o cheiro persistente a madeira queimada.

— Viste o incêndio? — indaguei, enquanto percorríamos as ruas estreitas do centro da cidade. Para ocidente, as torres gémeas da Frauenkirche elevavam-se perto da praça central Marienplatz.

— Só o vermelho no céu.

Ficámos absortas no inusitado cariz do dia. Andava pouca gente na rua, mas viam-se pessoas aqui e além a caminhar, cabisbaixas, mal olhando para nós. Por vezes desapareciam em becos como espetros nas trevas.

Estavam vários jovens sentados em bancos a fumar ou encostados aos



prédios, com ar de quem estava a lutar contra os efeitos de uma longa noite de boémia. Eram membros das SA, os «camisas castanhas», como nós lhes chamávamos. Um sujeito especialmente ameaçador, de queixo largo e cabelos louros, ordenou-nos que parássemos.

— *Juden?* — questionou. Abanámos a cabeça e respondemos:

— *Nein.* — Depois de apresentarmos os documentos da escola, que andavam sempre connosco, deixou-nos seguir caminho.

— Não conseguem perceber que não somos judias? — perguntou a Lisa, mas eu sabia que ela estava a tentar dizer uma piada. Proferiu as palavras com sarcasmo. Uma das nossas melhores amigas, uma rapariga judia que já não víamos há vários meses, era tão loura e tinha os olhos tão azuis como qualquer ariana. Porém, estava sujeita às leis de opressão contra os judeus. Estas restrições eram tudo menos justas.

Pouco depois, chegámos ao edifício que fora incendiado — uma sinagoga. Eu já passara por ali imensas vezes. Era um edifício sólido de pedra com uma grande janela circular encaixada no que parecia ser um torreão, mas as labaredas tinham chamuscado tudo, deixando a janela como um buraco redondo e vazio, a fazer lembrar o olho arrancado de um Ciclope. A maior parte do telhado desabara. As partes de alvenaria estavam enegrecidas, mas noutras áreas, as chamas intensas tinham deixado tudo da cor da cinza. A estrutura, com as janelas e as portas em arco chamuscadas, era agora tão feia como as árvores despidas do lado de fora.

Não nos atrevemos a aproximar porque estavam elementos das SA a vigiar o edifício, mantendo ao largo quem o quisesse saquear ou, quiçá, salvar algum artefacto. Estavam duas mulheres atrás de nós com as lágrimas a escorrer pela cara enquanto enxugavam os olhos com lenços. A julgar pelos soluços abafados, deu para perceber que não queriam chamar as atenções.

Afastaram-se a arrastar os pés e um jovem bem vestido caminhou a passos largos até ao meu lado e tirou o chapéu. Era alto e o seu cabelo uma mistura de louro com castanho, com o risco ao lado esquerdo e penteado para a direita ao estilo usado pela maioria dos homens. Os olhos afastados assentavam num rosto atraente e, mesmo só ao olhá-lo de relance, deu para perceber que era inteligente e astuto. A julgar pela postura rígida e o ar determinado, emanava essas qualidades.

— As SA pegaram-lhe fogo com gasolina e depois tentaram lançar o rabino às chamas — disse num tom grave sem desviar os olhos da sinagoga. — Ele quis salvar os pergaminhos da Torá.

A Lisa e eu entreolhámo-nos sem saber o que dizer.

— São uns estafermos, todos eles — prosseguiu. — Prenderam o rabino. Não tenho dúvidas de que acabará em Dachau. Porcos! — Virou-se para nós. — Quem são vocês?

Eu comecei a responder, mas a Lisa interpôs-se e disse:

— Não tem nada com isso. Quem é o senhor para perguntar?

Como era a introvertida, fiquei em silêncio, compadecida do homem que demonstrara a sua compaixão pelo rabino e o trágico fogo posto. Num ato de simpatia, brindei-o com um sorriso e ele fitou-me nos olhos. Por um segundo houve entre nós uma chispa de atração e senti os pelos dos braços eriçar-se.

— Desculpem o incómodo, mas não vos esquecerei — disse o homem e tirou-nos o chapéu. Depois de olhar para mim, dobrou a esquina por detrás de nós e desapareceu.

— Que estranho — disse eu à minha amiga, enquanto arranjava distraidamente os óculos sobre o nariz. A centelha de atração demorava-se no meu corpo. A alguns passos de mim, a Lisa manteve-se senhora de si, insolente e elegante. Eu nunca me considerara bonita e sempre me achara alta e desengonçada, talvez com demasiado cabelo preto. Os meus óculos também não me ajudavam a sentir-me confiante em relação aos rapazes.

— Vamos embora antes de darmos mais nas vistas — disse a Lisa, dando a entender que, só por estarmos a olhar para a sinagoga já déramos nas vistas.

Ela tinha razão. Era preciso andar sempre na linha, ser um bom alemão e não fazer ondas nem causar problemas, porque qualquer ação fora da lei poderia redundar em alguma infelicidade.

— O que é feito das nossas amigas judias? — perguntei à Lisa assim que virámos costas. — Agora, mais do que nunca, temo pelo destino delas. — Subjacente à pergunta havia um facto inquestionável mais amplo: eu e a Lisa não concordávamos com as leis e as doutrinas do Reich. Não houve um dia em concreto em que tenhamos tomado essa decisão, mas a propaganda dos jornais e da rádio sob a alçada do Estado, os homens que marchavam para a guerra e nunca mais voltavam, o racionamento e a tensão crescente que se sentia no ar levaram-nos a chegar a essa conclusão. Compreendíamos as consequências dessa ordem de pensamento, mas o que podíamos fazer em relação aos nazis?

Ao deambular por Munique, vimos a destruição praticada para «proteção» da propriedade judia — o saque de bens realizado pelas SA e outros. Muitas pessoas assomaram para ver os danos, caminhando como

mortos-vivos ao passarem por vidros partidos, lojas incendiadas e salões de exposições saqueados. Eu e a Lisa sabíamos que o mundo estava a mudar para pior.

O Schwarz Restaurant tinha as janelas partidas; na Neuhauserstrasse, a Adolf Salberg Fineries fora alvo de um ataque bombista — o enorme letreiro de metal que dizia *Salberg* estava completamente retorcido; a loja de chapéus e adereços de Heinrich Rothschild fora vandalizada e as montras tinham, pintadas a branco, palavras de ordem contra os judeus; a loja de artigos musicais de Sigmund Koch fora saqueada; a loja de mobiliário e obras de arte Bernheimer tinha as montras destruídas; e talvez o mais chocante de tudo era que o enorme e popular grande armazém Uhlefelder, na Rosental, fora saqueado e vandalizado.

O meu pai trabalhava para um dos poucos empresários judeus que ainda havia em Munique. Eu e a Lisa fomos encontrá-lo de pé, no passeio, defronte das montras partidas da farmácia, com estilhaços de vidro como diamantes despedaçados espalhados pelo chão.

— O que estão a fazer aqui? — perguntou o meu pai, ríspido, quando nos aproximámos. Estava a cerrar os maxilares largos, típicos dos homens da sua família soviética. — A tua mãe mandou-te comprar linha, não vaguear pelas ruas. — Pegou numa vassoura que estava encostada à parede da loja e apontou o cabo para nós. — Vai para casa! Imediatamente! Já viste quanto baste.

O senhor Bronstein, patrão do meu pai, meteu a cabeça pela montra estilhaçada. A cara macilenta, os olhos vermelhos e as mãos trémulas espelhavam a dor causada pela destruição da sua loja. Apareceram dois «camisas castanhas» a descer a rua. O meu pai baixou a vassoura, agarrou-me e à Lisa pelos ombros, e, num murmúrio, mandou-nos estar quietas.

— És judeu? — gritou um dos homens desde o fundo da rua.

O meu pai abanou a cabeça, mas olhou para eles com ar desafiador.

— Então, segue caminho — ordenou o homem, a caminhar para nós, levando a mão ao coldre com a pistola. — Onde está o Bronstein?

O proprietário, de baixa estatura e magro, assomou à porta. O homem lançou-se ao senhor Bronstein, empurrou-o para dentro da loja e gritou:

— Limpa esta porcaria, maldito judeu. É assim que geres o teu negócio? Bem, não será por muito tempo. Tens de pagar por estes danos. — Chegou-nos o barulho de uma bofetada e um grito do interior da loja.

O meu pai virou-nos na direção de casa, os braços a tremer conforme

nos orientou. Nós fizemos o caminho até casa em silêncio. Quando nos aproximámos da porta do nosso prédio, percebi que, do dia para a noite, a Alemanha escolhera a morte em detrimento da vida.

Nunca mais me lembrei da linha.



P A R T E 1



A ROSA BRANCA



## CAPÍTULO 1



### Julho de 1942

**S**e eu acreditasse que a Terra era plana, as pradarias comprovariam isso mesmo consoante o mundo se estendia numa linha ininterrupta até um horizonte distante. A vastidão terrena espraiava-se diante de mim, um retalho de ervas verdejantes que ondulavam ao vento em simultâneo com os tocos do trigo de inverno ceifado, enquanto outros campos eram entrecortados apenas por poucas árvores ou as formas cúbicas de madeira das casas agrícolas que não tinham sido destruídas pelo avanço da Wehrmacht.

Eu seguia num comboio apinhado de gente, separada dos militares, rumo à frente soviética, como enfermeira voluntária da Cruz Vermelha germânica.

Alguns campos tinham sido incendiados e apenas sobejava a terra enegrecida, porém, tão certo como o romper da aurora, a terra tinha de ser arada e tratada pelos vultos solitários dos camponeses, que ali estavam de forquilha em riste ou sentados numa carroça puxada por cavalos — se é que os pobres conseguiriam arrancar outra colheita à terra.

Vá-se lá saber como, alguns felizardos tinham sobrevivido. Talvez a Wehrmacht precisasse de mão de obra, de homens que trabalhariam como escravos a transportar cereais para a Alemanha ou, quiçá, tenham sido poupados à morte por algum oficial nazi «caridoso».

Era a primeira vez que eu ia à Rússia desde que a nossa família fugira de Leninegrado durante a primeira fase do Plano Quinquenal em 1929,



tinha eu 7 anos. O meu pai testemunhara com os próprios olhos o desaparecimento daqueles que não cumpriam as quotas de trabalho estabelecidas por Josef Estaline — desapareciam na noite sem deixar rasto, geralmente enviados para campos de trabalhos forçados onde acabavam por morrer. O meu pai conseguira juntar dinheiro suficiente para nos mudarmos para a Alemanha, onde esperara ter uma vida melhor. Como os pais da minha mãe eram alemães, conseguimos a naturalização antes da ascensão do nacional-socialismo.

Porém, a guerra estava no seu apogeu após a invasão da Polónia, a 1 de setembro de 1939, e, dependendo da localização do comboio, víamos uma terra que mantinha a sua beleza natural ou contemplávamos uma paisagem dizimada pelo conflito. Em Varsóvia, testemunhei o desespero dos polacos, que haviam abdicado de tudo a favor dos nazis, menos da sua humanidade, quando dei um bocado de açúcar caramelizado a uma menina que me oferecera uma flor, enquanto fitava, incrédula, os muros de tijolo do gueto que cercavam tantos judeus. Os soldados conduziam pessoas cadavéricas pelos portões, fazendo-as marchar em filas rumo a um destino incerto. Eu tornara-me indiferente aos horrores, pois com o passar dos anos aprendera que pouco podia fazer para combater o Reich.

Nas terras ainda incólumes do mortífero gadanho da guerra, as enormes bétulas resplandeciam na Prússia Oriental, onde as vastas estepes da Rússia findavam em colinas pouco pronunciadas; e, nesses momentos, com as janelas do comboio abertas, as rodas a bater ritmadamente nos carris, o calor de julho dissipando-se com o ocaso — nesses momentos —, quase conseguia esquecer as preocupações da guerra e fingir que estava tudo bem no mundo.

Porém, outras distrações me ocuparam na longa viagem até à frente de guerra. Segui viagem com uma jovem chamada Greta, também enfermeira voluntária, de quem pouco sabia, além de que planeava, tal como eu, um dia regressar a Munique.

Como o meu pai trabalhava num setor relacionado com a medicina, eu fora atraída para a mesma e, além disso, não sabia de outra coisa melhor para fazer na vida. Decidira ser enfermeira voluntária depois de ganhar experiência na Liga das Meninas. Providenciar tratamento médico aos enfermos dava-me satisfação. Trocar ligaduras, ajudar crianças que sofriam cortes e arranhões, e aprender sobre o corpo tornou-se a minha «profissão» nos anos que sucederam a 1939. Apesar de a enfermagem me permitir apartar do meu rígido pai e não ceder de imediato à pressão do

matrimônio e à geração de prole, conforme ordenava o Reich, tinha uma grande desvantagem: a Cruz Vermelha germânica tornara-se um poderoso braço do regime nazi. Era suposto seguirmos os ensinamentos do Reich relativamente à supremacia ariana e obedecer cegamente a Hitler — coisas que, na minha inocência, ignorava em pensamento e na prática. De forma inadvertida, o rigor do meu pai instigara em mim uma tensão ansiosa, que ampliava a minha timidez natural. Contudo, havia outra coisa mais forte que fervilhava em mim: uma ânsia de ser livre, de ser senhora de mim mesma, uma rebeldia emergente.

Certa noite, quando estava a ler um manual de biologia nos nossos exíguos aposentos, a Greta ofereceu-me um cigarro. O livro não era muito interessante, mas eu esperava que qualquer fragmento de conhecimento me ajudasse a garantir uma carreira em medicina enquanto elemento do sexo feminino sob a égide do nacional-socialismo.

Como não era fumadora, recusei a oferta. Os cigarros não eram baratos e, muitas vezes, eram vendidos no mercado negro. Não sabia onde ela os arranjava. As mulheres de «bem» não deveriam fumar, mas um dos motivos que levaram muitas a tornarem-se enfermeiras voluntárias era a liberdade ocasional que a atividade proporcionava em relação a tais restrições. Na sua maioria, os cigarros destinavam-se aos soldados. Ela também me mostrou uma garrafa com um líquido transparente. O rótulo vermelho, em polaco, dizia *Wódka*, e quando a Greta tirou a rolha chegou-me ao nariz o cheiro intenso de álcool medicinal.

Ela parecia mais velha do que realmente era. As rugas na cara e as cutículas roídas nos dedos levavam-me a pensar que não tivera uma vida feliz. Talvez fossem sinais de ansiedade por causa da guerra, ou da vida em geral, mas ela não podia ter muito mais do que os meus 20 anos. Não obstante, punha-se bonita de uma maneira que visava apelar aos homens nossos companheiros de viagem.

A Greta sentou-se no lugar em frente a mim, de costas para a direção em que o comboio seguia a grande velocidade cruzando a vasta planície. Acendeu o cigarro e uma nuvem de fumo envolveu-me a cara, mas não tardou a dispersar pela janela aberta. Fechei o livro.

— Falaste com algum deles? — Apontou com o polegar direito por cima do ombro e pousou o cotovelo esquerdo na beira da janela, mantendo a ponta do cigarro acesa perto da abertura. A velocidade do vento tornou a ponta do cigarro incandescente.

— Com alguns — respondi. — Tento não dar confiança demais. — Eu

não tinha qualquer vontade de fomentar relacionamentos românticos com homens do exército ou do corpo clínico. Seguiu rumo à frente de guerra com uma incumbência, não para arranjar marido. Além disso, afinal de contas, como era um pouco derrotista, questionava-me quanto tempo um possível companheiro permaneceria vivo nesta época medonha. A guerra na frente soviética estava a arrastar-se apesar das alegações de vitória atrás de vitória por parte do Reich. Ser abraçada por um homem, sentir os seus lábios nos meus, seria agradável se aparecesse um pretendente, mas uma relação parecia-me um assunto de somenos importância se pensasse na maneira como os homens estavam a dar a vida pelo Reich.

A Greta tirou uma baforada do cigarro, sorveu um trago de vodca e estendeu-me a garrafa.

Eu desci a veneziana da porta do nosso compartimento.

— Onde arranjaste este contrabando?

— Uma senhora nunca revela as suas fontes — retorquiu a Greta com um sorriso trocista e bateu com as unhas na garrafa. — Alguns são muito bem-parecidos, incluindo o russo. O que é feito de todos aqueles sermões sobre a pureza racial a que tivemos de assistir? *Natalya Petrovich?* *Alexander Schmorell?*

A pergunta incomodou-me. Eu era uma soviética a residir na Alemanha, os meus pais nunca permitiram que eu me esquecesse disso. Estávamos a par dos bramidos do Reich contra os *Untermensch*, os sub-humanos, mas os russos que não eram judeus a residir na Alemanha tinham, na sua maioria, conseguido viver como cidadãos, sobretudo os que já tinham sido assimilados. No Reich não se podia fazer muito mais a não ser obedecer. Não obstante, eu sentia-me orgulhosa por estar a viajar para a minha terra natal naquilo que considerava ser uma missão de misericórdia. Peguei na garrafa e bebi. O líquido forte fez-me arder a garganta e uma bola de fogo assentou, cálida, no meu estômago.

— Agora somos todos alemães. Vê os meus documentos. O Reich precisa de homens... e de enfermeiras. — Depois do que acontecera às minhas amigas judias desde que os nazis tinham assumido o poder, eu não queria ter nada a ver com a criação de uma nova ordem racial no Leste, pensamento que me causava repulsa. Só me interessava salvar vidas e, se esse ato de compaixão se alargasse aos meus compatriotas russos, não via mal nisso. É claro que não sabia o que o futuro me reservava.

A Greta recebeu a minha afronta com um encolher de ombros e continuou o seu devaneio sobre os homens.

— Não é fácil escolher — disse ela, a olhar para mim enquanto eu enrugava os lábios depois de outro trago.

— Não é a melhor vodca que já bebi — disse eu, ainda que não fosse muito experiente no que respeitava a bebidas alcoólicas.

— Um deles disse-me que é russo. Chama-se Alexander. Bem-parecido... — A Greta puxou o fumo do cigarro, que já queimara quase todo por força da velocidade do comboio, e então lançou-o pela janela. — Mas o amigo dele, então, é de se lhe tirar o chapéu. — Abanou os dedos à frente da cara.

Eu bebi outra golada de vodca e senti um entorpecimento no corpo. Bocejei e espreguicei-me no meu lugar, que fazia as vezes de uma cama desconfortável.

— O Sol já se pôs. Temos de baixar as venezianas.

— Mais uma noite com apenas os sonhos por companhia — disse a Greta, e recostou-se no seu lugar. — As coisas vão melhorar quando chegarmos à frente de guerra.

Questionei-me se ela estaria certa, pois eu receava que a frente de guerra apenas trouxesse tragédia e infelicidade. O meu entusiasmo em relação ao regresso à Rússia foi moderado pela expectativa daquilo que me poderia esperar. Em segredo, interroguei-me se estaria preparada para lidar com aquilo que poderia vir a presenciar. Fiz um esforço para afastar as imagens espectrais de soldados mortos e feridos, e dos edifícios bombardeados que me afluíam à mente — imagens mentais reforçadas pela destruição que vira em Varsóvia. Essas imagens tardavam em esfumar-se.

Depois daquilo que pareceu uma viagem interminável pela Rússia, no início de agosto chegámos a Vyazma, onde estava estacionada a 252.<sup>a</sup> Divisão, para a qual os homens foram destacados. Eu e a Greta apeámo-nos da carruagem para esticar as pernas. A nossa paragem final seria a noroeste da vila de Gzhatsk, cerca de 180 quilómetros a oeste de Moscovo.

Eu acabara de pisar o chão ao som do clamor de música militar quando a Greta me indicou com um menear da cabeça os homens de quem falara.

— Ali estão eles. — Sem dar nas vistas, apontou para os homens que desciam de uma carruagem mais à frente. — São unha com carne.

A Greta identificou-os: o Hans, alto, de cabelo preto e o perfil bem-parecido de um ator de cinema, uma cara simpática e bem proporcionada, o nariz fino por cima de uns lábios sensuais, uma ligeira concavidade no

queixo, e olhos curiosos sob umas sobranceiras pretas; o Willi, com o cabelo louro penteado para trás, que às vezes lhe caía para a testa pela força do vento. Também era bem-parecido, com o rosto oval e o queixo largo, um homem que, de entre os três, parecia ser o mais reservado e sorumbático. O último era o «russo», como a Greta lhe chamara, um homem que ouvira os outros tratar por «Alex». Era alto e desengonçado, com a cabeleira farta penteada para trás. Parecia ser o mais sorridente, o mais divertido, aquele que, talvez, não levasse a vida tão a sério como os outros.

Mirei-os de relance, mais interessada em atribuir nomes aos rostos do que em acalantar desejos românticos.

Não estava preparada para aquilo que vi depois de desviar os olhos dos homens. Vyazma pouco mais era do que escombros arrasados de edifícios cercados de crateras no chão. Empoleirada num pequeno morro, havia uma igreja de madeira, a única estrutura intacta da vila. À exceção das tropas germânicas, não havia qualquer movimento no meio dos destroços. Questionei-me para onde teria ido a vida toda. Teriam os habitantes sido mortos, a vida animal destruída com o avanço das tropas?

Os altifalantes instalados pela Wehrmacht vociferaram-me aos ouvidos. Afastei-me do comboio, deixando a Greta e os outros para trás, e parei ao pé de uma casa incendiada, nada mais do que madeiramentos enegrecidos e o esqueleto de uma janela. Chegou-me ao nariz o cheiro da morte, como carne putrefacta. Virei-me de repente, sem conseguir suportar o cheiro, e percebi de onde vinha. Nas traseiras da casa jazia o cadáver de um cão em decomposição. Enxames de moscas pretas zumbiam à volta do corpo. O animal fez-me lembrar um cão que fora deixado para trás à sua sorte depois de uma família judia ter desaparecido em Munique. Durante algum tempo fora tratado pelos vizinhos, mas depois também desaparecera, à semelhança da vila diante dos meus olhos. Não sobrava coisa alguma além de terra desidratada numa vila que em tempos fervilhara de vida.

Depois de embarcar no comboio e durante a viagem até Gzhatsk, o meu estado de espírito afundou-se consoante as sombras se alastraram sobre as planícies. Custou-me acreditar que a guerra na Rússia já durava há mais de um ano e que centenas de milhares de homens, talvez um milhão ou mais, tinham percorrido aquele caminho no influxo militar para conquistar Moscovo, Leninegrado ao norte, e as cidades soviéticas ao sul. A Greta deve ter percebido a minha relutância em falar, porque apesar de sermos companheiras de compartimento, deixou-me a sós com os meus

pensamentos e foi socializar com as outras duas enfermeiras que seguiam a bordo.

Estava a acontecer alguma coisa para a qual, no início, eu não tinha explicação. Quando olhei desde o comboio para a vasta paisagem, o vento estival a fustigar as bétulas, a chuva e o sol a pintalgar as árvores com resplandcentes salpicos de prata, senti-me una com a terra, em comunhão com o país que me vira nascer, profundas memórias a ressuscitarem de uma infância longínqua. Fora subjugada por uma espécie de «febre soviética», como se me tivesse tornado parte da terra de Dostoyevsky, Tolstoy e Pushkin, deixando Goethe e Schiller para trás. Alguma coisa se transmutou na minha alma, transmitindo-me sensações desconhecidas que me perturbaram e, ao mesmo tempo, me fizeram vibrar. Fui assolada por um vazio arrebatador, uma esfera celeste repleta de estrelas mas indefinida pelo espaço, uma tristeza refreada por uma esperança resplandecente. Ânias profundamente sepultadas agitaram-se no meu âmago ao recordar como foi ser criança em Leninegrado, desconhecedora das inquietações dos meus pais por causa de Estaline e, mais tarde, Hitler.

No lugar da vida nas ruas agitadas de Munique, compreendi o que era ser livre de coação. Longos rios, prados luxuriantes e bosques viçosos espriaram-se diante dos meus olhos. Pela primeira vez vi o que Hitler desejava na sua perversa megalomania, no seu *Lebensraum*, o território que desejava para a Alemanha e para o Reich em constante expansão. Os «sub-humanos» seriam os encarregados dos campos, a raça ariana os senhores. Mas Hitler e os seus sequazes não tinham levado em conta a plenitude e a determinação do espírito soviético, e uma lasca dessa essência perfurou-me a pele. Tal evidência nunca fora tão patente para mim como quando chegámos a Gzhatsk.

À semelhança de Vyazma, a cidade era só escombros. Igrejas, lojas e casas de habitação tinham sido arrasadas no avanço para subjugar Moscovo. A frente de guerra ficava a uns meros dez quilómetros e era possível ouvir a detonação dos obuses. Alguns caíram perto de Gzhatsk, fazendo a terra tremer ao explodir. As poucas pessoas que ainda por aqui pululavam, além das tropas, vagueavam pelos destroços da cidade, andrajosas e enlameadas, e com o choque estampado nos semblantes. Pouca emoção deixaram transparecer ao passar por nós — alemães bem alimentados a caminho de um acampamento médico no meio dos bosques, em segurança, fora do alcance das balas e bombas. Ao ver aquelas pessoas, uma forte e avassaladora tristeza inundou-me o coração.

Durante vários dias montámos tendas adicionais, certificámo-nos de que os uniformes, batas e provisões eram desembalados, assistimos a palestras sobre medicina dadas por médicos enfadonhos da Wehrmacht, jogámos às cartas e prestámos assistência no acampamento a um reduzido número de soldados feridos. À noite, alguns elementos da divisão, incluindo o Willi e o Alex, distribuíram vodca. A julgar pelos suspiros e demasiados cigarros que eram fumados, consegui perceber que estavam todos ansiosos por fazer algo mais do que esperar no acampamento. À noite, os obuses explodiam perto da cidade e lançavam clarões que iluminavam os bosques.

A primeira remessa de novos feridos de guerra chegou cerca de uma semana mais tarde. Toda a gente assumiu as suas tarefas e os auxiliares clínicos e as enfermeiras prestaram auxílio aos médicos. Um deles deu-me ordens para ajudar o Alex, que estava debruçado sobre um homem com uma perna quase decepada. A cabeça do homem pendia da maca e dizia palavras que não consegui ouvir por causa das ordens gritadas, do estrépito das bancas, dos instrumentos de metal e dos gemidos dos feridos. O Alex calçou as luvas e vestiu a bata, e eu imitei-o.

— O que está ele a dizer? — perguntei.

— Alguma coisa sobre matar o Hitler — respondeu o Alex. — Está a dizer que se perder a perna, matará o *Führer*. — Debruçou-se e analisou o torniquete e o enorme golpe no membro do homem. As ligaduras, encharcadas em sangue, já não eram encarnadas, mas antes de um tom vermelho acastanhado. — Tenho más notícias para ele. Quando vier a si, verá que lhe falta a perna esquerda. O corte provocado pelo estilhaço decepou a perna quase por completo. Tudo o que podemos fazer é dar-lhe algum conforto até o médico a amputar.

Percebi que o Alex estava horrorizado com os ferimentos do soldado, porém, na sua qualidade de auxiliar clínico, fez por ignorar a atmosfera arrepiante da tenda. A *joie de vivre* que era seu apanágio animou-o.

— És a Natalya, não és?

Assenti com a cabeça.

Apesar da desgraça que nos rodeava, os seus olhos animaram-se.

— Vai buscar ligaduras limpas para desinfetarmos a ferida e aplicarmos antisséptico. — Olhou à sua volta enquanto a equipa médica andava numa azáfama por toda a enorme tenda. — Tão cedo o médico não poderá operar. — O Hans e a Greta volteavam junto a uma bancada onde estava deitado um homem a sangrar de uma enorme ferida num ombro.

Fui buscar as ligaduras e voltei para junto da maca. O soldado, agora a delirar, agarrara o Alex pelos ombros e puxara-o para tão perto de si que estava a gritar-lhe ao ouvido. O meu colega disse-lhe para estar calado e obrigou-o a deitar-se na cama improvisada. Depois tentou acalmá-lo enquanto um auxiliar administrava uma injeção de morfina. Eu formei equipa com o Alex até o ferimento estar desinfectado e enfaixado. Sob a influência do fármaco, o soldado adormeceu.

Depois de tratarmos dos feridos sob os nossos cuidados, eu e o Alex despimos o equipamento e saímos da tenda, deixando para trás todo o rebuliço. Ele passou os dedos pelo cabelo volumoso, acendeu o seu cachimbo preto e sorveu. O fumo dispersou-se nos poucos raios de luz brumosos que penetravam a densa cúpula de árvores.

— Fizeste um bom trabalho — disse o Alex entre baforadas e alongamentos das pernas compridas. — Tencionas prosseguir a carreira em enfermagem?

— Talvez — respondi, e sentei-me na terra húmida debaixo de um pinheiro. O ar fresco banhou-me com a sua fragrância silvestre, uma mudança revigorante em comparação com a atmosfera sufocante e o cheiro a antisséptico da tenda abafada. — É por isso que estou aqui, para ficar a saber. Terminei o ensino secundário e poderei optar por seguir biologia ou filosofia na universidade. — Peguei numas agulhas de pinheiro castanhas e lancei-as distraidamente na direção da tenda. — Aquele soldado estava louco com a dor, mas também todos nós passámos um mau bocado nos últimos anos, por causa do racionamento... condições sobre as quais não temos qualquer controlo...

O Alex sentou-se ao meu lado. O fumo do cachimbo envolveu-nos com uma agradável fragrância terrosa que me trouxe à memória uma fogueira outonal e afastou os mosquitos.

— É verdade, ele estava a dizer coisas que não devia... palavras pelas quais seria executado se alguém apresentasse queixa dele. — Mordeu a boquilha do cachimbo. — Isto é, se alguém considerasse necessário *traí-lo*.

— ...necessário traí-lo... — As suas palavras deixaram-me pasmada. — A guerra muda tudo, apesar das nossas regras e regulamentos — respondi, depois de perceber todo o alcance do seu comentário. — É proibido fumar e beber, mas quase toda a gente o faz. Quando pode, a Greta usa maquilhagem. Porque haveríamos de preocupar-nos com coisas como ficar um pouco embriagados ou dar umas passas num cigarro quando, ao virar da esquina, uma bala pode ceifar-nos a vida? — Olhei para a tenda de



campanha, que ficava em parte escondida por detrás dos ramos de pinheiros. — Nenhum tribunal condenaria um homem louco de dor.

— Eu não teria tanta certeza... *Estamos* a falar do Reich. — Recostou-se na sombra circular do pinheiro e pensou por momentos. — Queres fazer uma coisa que é estritamente proibida?

Senti um arrepio ao ouvir aquela pergunta inesperada.

— Acho que teria de saber até que ponto essa coisa é proibida.

— Tu sabes guardar um segredo, afinal de contas és soviética, como eu.

— Sim — concordei e, para minha proteção, acrescentei:

— Mas também somos alemães.

— Convivência amigável com o inimigo — disse ele, após uma pausa. Disse estas palavras sem evidenciar qualquer emoção, como quem diz «vamos tomar o pequeno-almoço».

Presumi que não estava a referir-se a encontros clandestinos com soldados ou membros da resistência soviética, mas também não sabia bem qual seria o seu objetivo. Fosse qual fosse a sua intenção, tal comportamento era arriscado. Terei revelado alguma hesitação, pois ele encostou-se à árvore como se não tivesse dito coisa alguma.

— Conheci uma mulher que me convidou para sua casa. Chama-se Sina — disse. — O Willi e o Hans conheceram outros russos, mas eu gostaria de te levar a casa da Sina, se estiveres interessada. Bebe-se e canta-se, às vezes dança-se. Dá-nos algum alento nestes tempos medonhos.

— Não a conhecias antes de chegares aqui?

O Alex deu uma gargalhada.

— Não. Eu, o Hans e o Willi gostamos de conhecer pessoas. Achamos que podemos aprender alguma coisa com os nossos *inimigos*. — O seu timbre de voz subiu com esta última palavra em jeito de graça, mas depois voltou ao normal. — Todos os russos, para mim, são como família.

Parte de mim queria ir, mas a outra parte temia ser apanhada. Se fôssemos apanhados, o menor castigo para mim seria a expulsão do serviço e uma viagem de regresso até Munique sob um manto de desonra, e o pior poderia ser uma condenação por cometer um crime e pena de prisão. Eu pensava muitas vezes na prisão e nos meus vizinhos e amigos que tinham desaparecido. Até mesmo falar sobre eles era como cometer um crime.

Apesar da penumbra, os olhos do Alex não perderam o brilho. Eu tinha dificuldade em resistir ao charme dele, que roçava a inocência de bom coração, por isso disse que sim com a cabeça, apesar da minha tendência natural para não sair do acampamento.

— Seria uma aventura, Alex. Gostaria de conhecer uma compatriota russa.

Ele brindou-me com um largo sorriso e deitou as cinzas do cachimbo num pedaço de terra alagada.

— Então, estamos combinados para esta noite. Trata-me por «Shurik». Todos os meus amigos chamam-me assim.

Nesse final de tarde, enquanto caminhávamos para uma casa de quinta nos arrabaldes da vila, o Alex falou-me sobre a *sua* família russa. A mãe morrera quando ele era pequeno, e o pai, médico de profissão, decidira mudar-se com a família para Munique quando o Alex tinha 4 anos. Uma ama fizera as vezes da sua mãe e falara com ele em russo, à semelhança do que os meus pais fizeram depois de deixarmos Leninegrado. Por isso, éramos os dois fluentes em russo e alemão.

O Alex era ainda mais entusiástico do que eu em relação à Rússia, embora ambos estivéssemos afetados pela redescoberta do amor que sentíamos pelo país. Serpenteando pelos bosques, conversámos sobre costumes, festas e brincadeiras que recordávamos da infância e rimos a bandeiras despregadas. Percorremos vários quilómetros por um caminho de terra afastado do acampamento militar. A aragem noturna sussurrava por baixo dos pinheiros como uma escova macia a afagar o veludo. Porém, no horizonte a leste, disparos deixavam rastos amarelos e salvas de obuses explodiam em vibrantes detonações no crepúsculo cada vez mais escuro.

A casa de quinta, no extremo sul de um trecho de terra florestada, parecia-se com uma fileira de choupanas interligadas. Não tinha electricidade. Pela janela via-se o brilho de uma candeia a óleo. Uma vaca mugiu numa das choupanas que ficava a sul da casa principal e, ali perto, havia um galinheiro coberto de penas acetinadas.

Um gafanhoto esvoaçou com as suas asas cerosas desde um retalho de terra relvado no meio da rua e eu pulei com o susto. Dei um encontrão ao Alex e ele riu do meu comportamento infantil. Uma enorme traça branca formou círculos à nossa volta e depois esvoaçou em direção à luz amarela da candeia.

O Alex agarrou a minha mão e puxou-me até eu parar.

— Antes de entrarmos, quero que saibas uma coisa — disse ele. — A Sina adora-me e estou convencido de que também irá adorar-te, mas eu disse-lhe certas coisas que apenas poucas pessoas sabem.

— Os teus compinchas, o Hans e o Willi, presumo — disse eu, sem pensar.

Ele virou-se para leste, de frente para a luz índigo no firmamento. Eu segui o olhar dele e ainda consegui vislumbrar os seus olhos, que já não estavam alegres, mas transmitiam um laivo de solenidade.

— O Hans sabe mais sobre mim do que quase qualquer outra pessoa. — Enterrou o tacão da bota na terra fofa. — Eu nunca quis estar aqui. Aliás, nem sequer quis jurar lealdade ao Hitler e à Wehrmacht. Pedi dispensa do serviço, mas recusaram o meu pedido. — Virou-se e olhou para mim com uns olhos dilatados e inquisitivos. — Tu poderás compreender... — Apontou para a choupana. — Como a Sina compreende...

Eu compreendia, mas não tive coragem para mais do que um menear da cabeça.

— Vamos entrar — disse ele. — A Sina está à nossa espera.

O Alex acercou-se da porta, bateu e chamou o nome da mulher. A Sina, talvez não muito mais velha do que eu, deu as boas-vindas ao «Shurik» e a mim com um beijo em cada lado da cara e convidou-nos a entrar. Apesar de a guerra estar ao rubro a apenas alguns quilómetros da sua casa, ela mostrou-se jovial e não se parecia nada com a camponesa que eu imaginara. Era magra e tinha longos cabelos pretos habilmente entrançados à volta da cabeça. Não usava uma *babushka* nem um avental comprido a cobrir-lhe o vestido simples. Em vez disso envergava a versão feminina de um uniforme de marinheiro, uma blusa azul às risquinhas com gola sobreposta, apertada por botões brancos e saia a condizer, que lhe dava pelos tornozelos despidos.

A choupana era confortável e quente. Uma espécie de calor adicional emanava da centelha de vida no interior. O parco mobiliário era constituído por uma pequena mesa, uma cadeira e uma cama de pinho suficientemente grande para acolher a mulher e os seus dois filhos pequenos, o Dimitri e a Anna, que estavam de joelhos de um lado da mesa a comer sopa em tigelas de madeira. No outro extremo havia um samovar e uma série de livros; ao fundo da cama, jaziam uma guitarra e uma balalaica com os braços a formar uma cruz; tecelagens de papoilas vermelhas e douradas, e desenhos geométricos arrojados bordados a vermelho e azul, adornavam as paredes de madeira que, fora isso, estavam despidas. Por cima da cama, a imagem pintada de um Cristo sofredor numa reluzente moldura prateada.

— Sentem-se, sentem-se — insistiu a Sina. — Não tenho cadeiras que cheguem. Shurik, tu sentas-te no chão no velho tapete.

O Alex fez como ela mandou, cruzando as pernas compridas e deixando à vista as botas pretas do exército por debaixo das calças do uniforme cinzento.

— Não tenho chá — disse a Sina —, por isso bebamos vodca. — Mergulhou como um ganso gracioso e puxou uma garrafa castanha de debaixo da cama. Pegou em três copos de samovar, serviu a vodca e passou-nos os copos.

— *Za Zdarovje* — disse o Alex, levantando o copo para brindar à nossa saúde, ao nosso encontro e à nossa amizade.

A Sina sentou-se na cama com as pernas cruzadas debaixo do corpo esguio. O Dimitri e a Anna pousaram as tigelas numa pia e ocuparam os seus lugares ao lado da mãe.

— Então, chegaste há pouco à Rússia — disse, dirigindo-se a mim.

Eu pousei o copo na mesa depois de esvaziar o conteúdo.

— Eu nasci na Rússia, tal como o Shurik, mas nunca mais regresssei desde que os meus pais deixaram Leninegrado, tinha eu 7 anos. Sou enfermeira voluntária.

A Sina levantou as mãos com um floreado mirabolante.

— Não perdeste nada. O Estaline e o bolchevismo arruinaram o país e mataram mais do nosso povo do que se possa imaginar...

Eu interrompi-a.

— Foi por isso que partimos, por causa do Plano Quinquenal. O meu pai tinha amigos que desapareceram de noite e nunca mais foram vistos.

— Depois vieram as purgas estalinistas — continuou a Sina. — É uma sorte termos um exército. Muitos oficiais militares foram liquidados porque o secretário-geral achou que eles poderiam ser uma ameaça para o seu poder. — Os seus olhos faiscaram pela sala. — E nós a pensar que os alemães vinham libertar-nos do Estaline... Muito nos enganámos. — Baixou a cabeça e abanou-a devagar. — Pelo contrário, estão a aniquilar-nos e temos de incendiar as nossas próprias casas e colheitas para que a Wehrmacht não as possa usar. — Aproximou a mão devagar das almofadas à sua direita. — Recebemos ordens para matar alemães.

— És casada? — perguntei, ansiosa por mudar de assunto.

— Oh, sim, com um homem forte e bem-parecido que os nazis aniquilariam se conseguissem apanhá-lo. — Levantou as mãos da cama e agitou os braços como se fossem asas. — Mas ele agora é livre como um pássaro. Estou com ele sempre que se consegue esgueirar, sob o manto da noite, na escuridão, quando ambos conseguimos escapar das nossas inquietações.

— Pertence à resistência — disse o Alex, virando a cabeça para mim do lugar que ocupava em cima do tapete. — Um homem de convicções e princípios, que luta contra o...

Fez uma pausa, mas calculei que a próxima palavra que lhe sairia pela boca seria «mal».

O Alex pegou num livro que estava em cima da mesa e levantou-o à sua frente.

— *Crime e Castigo*, um dos meus preferidos. Podemos ler um pouco, se quiseres.

Devagar, a Sina aproximou a mão direita das almofadas até ficar com os dedos debaixo de uma fronha. Achei aquele movimento estranho, mas não fazia ideia do que estava a fazer até ela tirar do esconderijo uma pistola preta.

Arquejei e senti o sangue a esvair-se da cabeça.

O Alex folheou o livro, pelos vistos sem dar conta do movimento da Sina.

— Dostoyevsky — disse, sem levantar a cabeça. — Para mim é o mais cristão de todos os escritores russos. — Por instantes, desviou os olhos das páginas e olhou de relance para a nossa anfitriã.

Ela tinha o cano preto apontado mesmo para nós. Eu estava por detrás do Alex e, de cima, vi a volumosa cabeleira redemoinhar junto do risco na parte posterior. Não consegui ver-lhe a cara, mas questionei-me se ele estaria lívido como eu.

— Sina, por favor vira isso para outro lado — disse, sem levantar o timbre de voz. — Podes alvejar um de nós sem querer.

— Não seria sem querer — retorquiu. Os filhos estavam sentados calmamente ao lado dela a olhar-nos com atenção. Eu sentada na cadeira, o Alex no tapete à minha frente.

— É suposto matarmos todos os alemães — disse ela, e fez um compasso de espera. — Mas vocês não são como todos os alemães. Na verdade, nunca conseguirão libertar-se do eslavo que têm na alma.

O gatilho fez um estalido e o percussor encaixou no lugar. Gritei, mas não ouvi qualquer detonação nem senti uma bala a perfurar-me a pele.

— Estás a ver? Assustaste a Natalya — disse o Alex, abanando um dedo calmamente na direção dela. — Devias ter vergonha.

Agarrei-me aos braços da cadeira para não cair de tão trémula que estava.

— Pregaste-me um susto de morte, Sina. Foi uma jogada suja.

— Uma jogada antiga — atalhou o Alex. — Eu passei pelo mesmo na primeira noite em que nos conhecemos e deveria ter-te avisado, mas não sabia se ela repetiria a graça com todos os alemães que conhece. — Virou a cabeça e piscou-me o olho.

— Não sou estúpida ao ponto de ter uma pistola carregada à beira dos meus filhos. — A Sina sorriu, guardou a pistola no esconderijo debaixo da almofada e enlaçou o Dimitri e a Anna num abraço forte. — Não tarda, terão idade suficiente para a manusearem. Mal posso esperar por vê-los a matar o seu primeiro inimigo.

A ideia de crianças russas a disparar sobre soldados alemães deixou-me horrorizada. O Dimitri e a Anna seriam chacinados como porcos.

— Posso beber outra? — perguntei, levantando o copo.

— Claro. Serve-te — disse a Sina.

Servi outra vodca. O efeito do álcool fez-se sentir e o meu choque deu lugar a uma tensão trémula; cantámos e rimos durante várias horas até a Sina tocar uma cantiga popular melancólica na balalaica. A melodia soou-me familiar, dos tempos de infância, mas estava demasiado distante na minha memória para conseguir acompanhá-la. O Alex conhecia-a de cor e acompanhou a Sina enquanto eu batia as palmas devagar a acompanhar o ritmo. As crianças dançaram em frente à cama, dando os braços e mexendo as pernas em movimentos sincronizados.

O tempo passou e a chuva tamborilou nas paredes, obrigando-nos a ficar mais tempo do que esperávamos. A candeia a óleo tremulou, mas ao invés de mudar o combustível, a Sina deixou-a extinguir-se com um crepitar e ficámos a conversar na penumbra enquanto as crianças foram deitar-se. Nós, os adultos, espreitámos pela janela aberta enquanto os obuses reben-tavam para leste, iluminando a vastidão estrelada, agora sem nuvens, com explosões brilhantes de amarelo e branco.

À medida que o serão se prolongou, a Sina, enlanguescida pela vodca e, quiçá, pela sua própria tristeza, entoou uma melodia que me deixou os olhos banhados em lágrimas. Começou numa entoação grave, sem nunca deixar o tom menor, subindo depois até atingir um tom agudo, até eu pensar que as vigas de madeira iriam desprender-se com a intensidade. Por fim, a melodia esmoreceu num modo maior e expirou com a brisa que entrou para a choupana.

Dei uma cotovelada na cabeça do Alex, que estava encostada às minhas pernas.

— São horas de regressarmos ao acampamento ou seremos dados

como desaparecidos. — As palavras saíram-me trôpegas e pesadas da boca.

— Sim — concordou o Alex, e pôs-se de gatas antes de se apoiar nas pernas vacilantes.

Despedimo-nos, beijámos a Sina, e prometemos voltar lá noutra noite. O Alex jurou que, na próxima visita, não beberia tanta vodca de maneira a conseguir ter uma conversa sobre Pushkin e Tolstoy. A Sina concordou e, com um último aceno, fechou a porta.

— Ela é encantadora — disse eu ao Alex e interroguei-me se essa seria a melhor palavra para a descrever. Aos meus olhos, a Sina era uma pessoa exótica, diferente de tudo o que eu conhecia, a não ser nos recônditos da minha memória quando vagas imagens de Leninegrado me afluíam à mente. Mas até mesmo essas pessoas que assomavam do passado eram diferentes dela. Não havia comparação entre as pessoas da cidade que eu conhecera em criança e as do meio rural, assoladas pelas tropas germânicas.

Serpenteámos pelo caminho acima rumo ao acampamento, enquanto eu fitava o céu estrelado.

— Consigo tocar nas estrelas — disse, compondo os óculos e inclinando a cabeça para o céu.

Sem ver onde punha os pés, por pouco não os enfiei num enorme charco e decidi descalçar-me para não molhar os sapatos com água lamacenta. Passei os braços à volta da cintura do Alex e deleitei-me com a sensação cálida da vodca na barriga e da terra fresca e húmida nos dedos dos pés. Pela manhã iria pagar caro os meus excessos. Contudo, lavar a lama seria mais fácil do que livrar-me da ressaca.

Para além dos prazeres do serão, encontrara no Alex um verdadeiro amigo. Apenas isso, fez a noite valer a pena.

Uns dias mais tarde, a chuva começou a cair com mais intensidade e transformou o acampamento num lodaçal de terra pantanosa e ramos a gotejar. Pensei no que o outono e o inverno mais frios nos reservariam, quando as condições deveras se agravariam.

Todos os dias chegavam ao acampamento soldados feridos e a carnificina de ferimentos, muitos deles horrendos, levou-me a pôr em causa a minha decisão de enveredar pela enfermagem. Amiúde, ia deitar-me completamente estafada e com a visão desfocada devido às longas horas

passadas na tenda de campanha. Um cirurgião arrogante em particular era um fervoroso defensor das regras e regulamentos, incluindo as pausas para descanso limitadas. Não queria conversas de circunstância entre médicos, auxiliares e enfermeiras nem permitia fumar no acampamento. Fazia a vida negra a toda a gente, eu incluída, realizando as suas cirurgias enquanto criticava os meus curativos, a forma como administrava os medicamentos e dava injeções, destruindo ainda mais a minha confiança. Fiquei encantada e aliviada quando, sem que nada o fizesse prever, foi transferido para uma unidade mais a norte.

Era frequente o Alex, o Hans, o Willi e outro médico, de seu nome Hubert Furtwängler, almoçarem juntos nos dias bons num lugar perto do acampamento, a mesa mosqueada pelos raios solares que atravessavam os ramos sobranceiros de um carvalho. Pareciam saídos de um instantâneo, os cantis e os copos de estanho espalhados entre sêneas meio comidas e fatias grossas de queijo. Quando não havia muito o que fazer, ou conseguiam esgueirar-se para uma pausa, sentavam-se a fumar na trave de um cercado junto de uma construção em mau estado. Passou-me pela cabeça que se teriam unido num pacto fraternal.

Os três, menos o Hubert, reuniam-se muitas vezes em conversas sussurradas que acabavam de forma abrupta sempre que um intruso se aproximava. Das poucas vezes que me convidaram para me juntar a eles — na maioria das vezes eu passava por eles com um fugaz «olá» —, a conversa versava frivolidades: o tempo, a emoção do trabalho ou a ausência dela, a labuta na tenda de campanha, as saudades de casa e dos amigos.

Eu tinha a certeza de que, quando estavam sós, aqueles homens falavam também de outras coisas — assuntos proibidos — de que apenas aquele grupo se atrevia a falar. Eu não tinha provas disso além da maneira como interagiam, com precaução, em voz baixa, de costas arqueadas, como se estivessem a partilhar segredos. Qualquer agente da Gestapo sagaz os interrogaria pelas suas atitudes. Certa vez, estavam eles sentados a fumar, vislumbrei o que restava de uma suástica desenhada na terra. O Alex tentara apagá-la à pressa com a bota. A metade de cima do símbolo fora riscada com um enorme «X».

Em setembro, o Willi e o Hubert foram destacados para outros batalhões na frente de guerra e o Alex adoeceu. Quem me deu a notícia foi o Hans.

— O Alex contraiu difteria. — Estávamos num arvoredo de bétulas cujas copas haviam assumido um reluzente tom dourado.



— Diferia? — Fiquei espantada, pois a maioria de nós fora vacinada contra a doença.

— Está a arder de febre e acamado — disse o Hans. — Pelos vistos, não foi vacinado. — As suas feições bem-parecidas pareceram preocupadas sob a luz fraca, as maçãs do rosto encovadas como se a equipa médica e o seu ritmo de trabalho irregular, desde o tédio até ao frenesi, e os efeitos das rações frugais do exército estivessem a fazer-se sentir. Tirou a boina da cabeça e enxotou uma mosca. — Será uma sorte se eu também não contrair a doença. Demos muito sangue para as tropas, temos as defesas baixas e há imensas infeções na Rússia. Bem, não preciso de te dizer isto... — Entreabri os lábios num sorriso fugaz, a expressão facial que já lhe vira tantas vezes.

— Se o vires antes de mim, diz que lhe desejo as melhores — disse eu.

— Está bem. — O Hans pôs a boina na cabeça. — Vamos dar uma volta... por favor.

Comecei a caminhar ao lado dele na direção da casa da Sina, afastando-nos do bosque de bétulas e até uma clareira onde a terra se alongava a perder de vista em todas as direções, com as nuvens pardacentas a planar por cima das nossas cabeças.

O Hans respirou fundo e pareceu ficar mais leve do que o ar.

— Estou farto da morte... e da guerra.

— Precisas de algo que te ajude a pensar noutra coisa — afirmei.

— É difícil estar sozinho, agora que o Alex está doente e o Willi e o Hubert foram para outro sítio. — Deu uma ténue risada. — Não consigo pensar noutra coisa. A guerra estará no meu pensamento enquanto estivermos no meio dela... e provavelmente muito tempo depois.

— Estás muito sério — disse-lhe.

O Hans franziu o cenho, como se eu tivesse dito alguma coisa insultuosa.

— Não te quis ofender — apressei-me a corrigir. — O que queria dizer é que tu encaras as coisas de uma maneira diferente dos outros homens. A guerra deixou marcas em ti.

Parámos à beira de um regato, que redemoinhava num charco pouco profundo no caminho e depois espumava para um aterro ali perto. Debrucei-me e meti um dedo na água fria. Olhei para o nosso aquartelamento, que ficava escondido por detrás das árvores, para leste e para oeste, onde a terra confinava com colinas ondulantes, e depois para sul, onde os campos se espriavam até à linha do horizonte. Ao fundo do caminho via-se a silhueta da choupana da Sina no meio da neblina.

— Fui com o Alex a casa da Sina — disse o Hans. — Ele contou-te o que fizemos no outro dia?

Como já não via o Alex há alguns dias, abanei a cabeça.

— Enterrámos um russo que encontramos na planície não muito longe daqui. — Acocorou-se perto do córrego e mergulhou lá a mão. — Tinha a cabeça decepada e os genitais em decomposição. Viam-se vermes a rastejar pelas roupas esfarrapadas. Já tínhamos a sepultura quase coberta quando descobrimos outro braço. Fizemos uma cruz russa, que enterrámos na terra à cabeceira da campa. — Fez um compasso de espera. — Agora a sua alma pode descansar em paz. — O Hans baixou a cabeça. — Talvez tenha sido aí que o Alex contraiu difteria.

Levantou a cabeça e olhou para mim.

— Sinto muita compaixão pelo povo russo, ao saber o que passou nas mãos do nosso exército. Receio que esteja a acontecer muita coisa que nós, enquanto médicos e enfermeiras, não sabemos. Acho que as SS não revelam as suas ações aos generais. Tu és russa. De certeza que esta carnificina também te incomoda.

A água refletiu o semblante atormentado do Hans, mas antes que eu tivesse hipótese de responder, o tormento deu lugar ao júbilo.

— Já ouviste o meu coro? Reuni um grupo de algumas raparigas russas e prisioneiros de guerra... Fazemos aquilo que podemos. Eu adoro música e sinto a falta de dançar. Na outra noite, dançámos até não podermos mais.

Eu ouvira as cantigas, às vezes alegres, outras vezes indistintas, muitas vezes melancólicas, a chegar à tenda de campanha, mas o trabalho, as trevas e o cansaço não me tinham deixado ir ver de onde vinham. As vozes pareciam longínquas, a horas desusadas do dia e da noite, como os cânticos de anjos distantes.

— Gostaria de ouvir. Tenho uma amiga em Munique, a Lisa Kolbe, que percebe mais de artes do que eu e ensinou-me alguma coisa sobre música.

— Sabias que eu tenho um irmão a prestar serviço aqui neste setor? — indagou o Hans.

— Não. Costumas encontrar-te com ele?

O Hans levantou-se, deixando o curso de água, e olhou para ocidente.

— A alguns quilómetros daqui. Chama-se Werner. Quando posso, vou lá a cavalo. — O Hans abriu os braços num gesto abrangente que pareceu lançar na atmosfera uma vaga de energia. — Passei a ter uma paixão por cavalgar que parece não me largar — disse, a transparecer o entusiasmo na voz. — Não há nada melhor do que andar a galope pela pradaria montado

num cavalo veloz, a abrir caminho como uma seta pelas ervas da estepe da altura de um homem, e cavalgar de regresso para a floresta no ocaso, exausto, com a mente ainda a fervilhar do calor do dia e o sangue a palpitar nas pontas dos dedos. — Fez um compasso de espera, aparentemente sem forças depois daquela descrição.

— É a melhor ilusão a que alguma vez sucumbi porque, de certa maneira, temos de nos iludir. Os homens chamam-lhe «febre russa», mas eu acho que é uma expressão desajeitada e insatisfatória.

— Eu também já utilizei essa expressão — disse, um pouco embaraçada ao admiti-lo.

— É qualquer coisa como isto: quando já vimos o mundo em toda a sua deslumbrante beleza, às vezes sentimo-nos relutantes em admitir que o reverso da medalha também existe. A antítese existe aqui, tal como em qualquer outro sítio, se estivermos recetivos a ela. Só que aqui a antítese é acentuada pela guerra a tal ponto que, por vezes, uma pessoa fraca não a consegue suportar.

Transpusemos o córrego e caminhámos até um campo coberto de ervas altas. Andámos cerca de dez minutos até chegar a uma cruz russa que se projetava do chão.

— Foi aqui que o enterrámos — disse o Hans. — Provavelmente era um bom homem, cristão, com família e filhos. Nunca ninguém saberá, porque ficará aqui enterrado até ao fim dos tempos. — Desviou o olhar da sepultura e olhou para a vastidão da estepe, a erva a balançar com o vento, e uma lágrima escorreu-lhe pela cara. — Então, inebriamo-nos. Vemos apenas uma face, em todo o seu esplendor e glória.

Enquanto eu o observava, baixou a cabeça e disse uma prece silenciosa. Uma vaga, como uma carga elétrica, formigou pela minha pele, uma sensação de gáudio semelhante ao êxtase percorreu o meu corpo, diferente de qualquer sensação que jamais tivera. A sensação abalou-me de tal forma que me encostei a ele.

Espantadas por um predador invisível, um bando de gralhas cinzentas e pretas levantou voo e esvoaçou por cima das nossas cabeças, soltando o seu crocitar. Uma explosão de luz solar incidiu sobre o túmulo e depois, tão depressa como apareceu, as nuvens carregadas lançaram a sua sombra sobre ele.

O Hans afastou-se de mim, os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Eu não te conheço... Não deveria estar a falar destes assuntos. O Alex gosta de ti e confia em ti.

Fiquei sem saber o que dizer. O que estava ele a oferecer-me? Amizade? Algo mais? Estaria a pôr-me à prova, passo a passo, para ver se eu era de confiança? Ficou vermelho como um pimento. Alguma coisa estava a corroê-lo por dentro, mas fiquei com a sensação de que aquela intensa demonstração de ardor era rara.

— Os nossos dias e noites estão nas mãos de homens capazes de atos malvados e imorais — retorqui, numa tentativa de o apaziguar. — Só nos resta fazer aquilo que é correto e prover louvor e amparo, quando é merecido, e reprovação, quando se justifica. Temos de ser fortes face à corrupção moral.

— Devemos condenar o Reich.

Recuei um passo, atordoada pelas palavras dele, e respirei fundo, de pé, defronte da sepultura. Concordei com ele, mas não estava preparada para o verbalizar diante de um homem que mal conhecia.

— Este pensamento deve ficar entre nós dois. Não o deverás revelar a ninguém.

— É por isso que eu luto. Não pela Alemanha, mas por toda a humanidade.

Apertei-lhe a mão e ele sorriu. Deixámos o túmulo e regressámos ao acampamento, trocando poucas palavras pelo caminho. O céu nublado, entrecortado por poucas abertas, prolongou-se pela tarde e augurava um lusco-fusco sombrio e triste. Nessa noite, quando estava sentada na penumbra com a Greta, recordei as palavras do Hans, e o túmulo desolado e as gralhas a crocitar vieram-me à ideia. Sentindo-me um pouco zozna, fiquei subjugada por pensamentos contraditórios de uma paz esperçada e um demorado confronto bélico repleto de mortes e destruição. Dormi mal durante várias noites.

O Alex recuperou, mas o Hans apresentou sintomas semelhantes aos da difteria, que o deixaram de cama durante vários dias. Após a doença, o Alex isolou-se um pouco — não era que não fosse simpático —, mas, à semelhança do Hans, parecia carregar um fardo cada vez mais pesado sobre os ombros. O trabalho manteve-nos ocupados enquanto os camiões e vagões chegavam carregados de moribundos e feridos.

Numa manhã de finais de setembro decidi aproveitar algum tempo livre. Agasalhei-me e percorri o caminho de terra que levava à casa da Sina. Mais ou menos a meio do caminho, cheguei a uma vereda que dava para

um campo ao longo do bosque de bétulas, o qual fora aberto por camiões por entre a erva alta. Ao longo do caminho viam-se enormes charcos, mas o trilho espicaçou a minha curiosidade e vi com bons olhos uma mudança de cenário e um passeio diferente do caminho para sul.

Nunca seguira por aquele trilho; na realidade, nunca reparara nele. A vegetação jazia esmagada debaixo do peso dos pneus enquanto os caules castanhos e verdes baloiçavam ao vento de ambos os lados; a terra era dura nos sítios onde havia pedra, mas mole noutros pontos.

O vento aumentara durante a noite, quando os primeiros sinais do inverno chegaram do Norte. As pequenas abertas de sol pouco me conseguiam aquecer e fiz todos os possíveis para não seguir pela sombra. Os rastros lamacentos deixados pelos pneus obrigaram-me a entrar e a sair das sombras.

Os ramos das bétulas, com folhas que já não eram douradas, mas antes de um roxo avermelhado, estremeciam e fletiam com as rajadas, enquanto batiam uns nos outros. Se não fosse pela ventania, o bosque estaria em silêncio. O caminho virou para uma área onde o arvoredo fora derrubado. Fiquei mais alerta na paisagem melancólica quando o barulho de um motor me apanhou desprevenida.

Ouvi o motor a ganhar velocidade e os pneus a rodar por cima da lama. Não havia sinais a dizer *Verboten* no início do trilho, nada que me proibisse de estar ali, mas o instinto disse-me para me esconder. A terra esparramou debaixo dos meus pés quando me aninhei por detrás de uma série de árvores que tinham sido abatidas e empilhadas. Através de uma estreita abertura entre os troncos avistei um camião enorme, de caixa aberta, com a cruz de ferro preta e branca nas portas. Cerca de vinte pessoas, cercadas por quatro agentes das SS armados e o respetivo comandante, apinhavam-se contra os painéis de madeira que as cingia na parte de trás. A julgar pelas roupas, era fácil perceber que eram russos e, para meu horror, reconheci os rostos da Sina e dos dois filhos, o Dimitri e a Anna.

O camião passou por mim a grande velocidade, a ressaltar pelo caminho irregular, lançando água lamacenta no seu trajeto e salpicando de lama as árvores que ladeavam o caminho. Assim que o veículo desapareceu, depois de fazer uma curva, meti pés ao caminho no seu encaço até encontrar um esconderijo adequado entre um denso arvoredo. Tinha de ver o que iria acontecer à Sina e aos seus filhos.

O camião, com a carga humana a estremecer como pinos de bólingue quando os travões chiaram, imobilizou-se junto a uma ravina pouco

profunda no meio da floresta. Depois, o meu discernimento tornou-se brumoso, indistinto, enquanto a cena se desenrolou diante dos meus olhos como um filme em câmara lenta.

*Os agentes das SS abrem a portinhola de madeira na parte de trás do camião, um deles tão simpático que até ajuda uma mulher mais velha, envergando um casaco de flanela e um lenço, a descer para o chão húmido. Homens russos, sobretudo homens mais velhos de barba grisalha e cabelos compridos, alguns com roupas de trabalho, outros vestindo o que pareciam ser pijamas, juntam-se à fila de prisioneiros. As crianças olham para as mães, de olhos arregalados, enquanto se agarram às mangas dos casacos e cambaleiam em pequenos passos apressados. Os agentes das SS conduzem-nos como se fossem um rebanho, empurrando-os pelas costas com os canos das metralhadoras. O bosque, silencioso, sem o canto das aves, asfixiante, é colhido pela garra glacial da Morte.*

*Os agentes das SS obrigam-nos a formar uma fila entre os dois outeiros, os homens com os dedos entrelaçados atrás da cabeça, as mulheres cabisbaixas, as crianças com os olhos a adejar entre os agentes e as suas mães. Estão aqui vinte ou mais pessoas para morrerem como animais no matadouro.*

*— Escumalha. Animais. — Os agentes das SS provocam-nos desde a sua posição altaneira no cume do outeiro.*

*Uma canção esvoaça pelo ar, a cantiga que a Sina tocou para mim e para o Alex e, um a um, os outros juntam-se a ela até preencher a atmosfera com a sua melancólica melodia.*

*— Calem-se, porcos — grita um homem, enquanto o comandante faz a contagem decrescente. Quatro, três, dois, um. Então, quatro agentes das SS armados de metralhadoras disparam ao mesmo tempo, uma terrível sa-raivada de balas, os invólucros vazios a reluzir no ar, o fumo a manchar a atmosfera de cinza e negro.*

*Como bonecos flácidos, as pessoas caem ao chão, buracos abertos na carne, as balas que as trespassam a lançar baforadas aquosas ao embater na terra húmida, o sangue dos prisioneiros a enegrecer-lhes os casacos e as camisas.*

*Quero gritar, mas não sei qualquer som da minha boca. Horror. Sangue, muito mais sangue do que jamais vira na mesa de operações ou nas macas enquanto os homens morrem. A Sina está de pernas e braços estendidos no chão, o Dimitri e a Anna, também mortos, agarrados ao casaco dela.*

Levei as mãos à boca para conter um grito e encostei-me a uma árvore. Qualquer palavra que dissesse, revelando que presenciara o inconcebível, poderia ser o meu fim. Desatei a correr do meu esconderijo, a saltitar pelo caminho, esperançada de que o caminhão não me apanhasse, o medo a impelir-me com a adrenalina. Ficaria em paz se morresse. Depois daquilo que os meus olhos tinham visto, não sabia se seria capaz de ter sossego outra vez. Então, questioneei aquilo que presenciara. Teria sido uma ilusão causada por uma mente febril?

Pouco depois, cheguei ao caminho de terra e, banhada em lágrimas, deixei-me cair ali perto. Quando consegui caminhar outra vez, apercebi-me de outra coisa horrorosa. Para sul, no firmamento, viam-se labaredas, lançando para o céu espirais de fumo negro. A casa da Sina estava a ser consumida pelas chamas.

Limpei os olhos e regressei a cambalear para o acampamento, como uma mulher subjugada pela doença, sem saber o que dizer ou fazer. O caminhão apanhou-me e abrandou até que um motorista da Wehrmacht me saudou com um aceno. Os medonhos agentes das SS e o comandante na parte de trás do caminhão fitaram-me enquanto fumavam os seus cigarros, pontas brancas presas entre os dentes arreganhados.

Quando cheguei ao acampamento, não quis conversar com ninguém e mantive-me à distância do Alex, do Hans e da Greta.

Depois de uma noite em claro, no dia seguinte, ajudei o médico a tratar de um soldado que acabou por morrer na mesa de operações devido a um horrível ferimento no peito. Quando o médico o abandonou ali, as últimas palavras que me disse foram:

— Diga aos meus pais que os amo.

Senti uma imensa dor pelo soldado e pelos russos chacinados que haviam perdido a vida porque um tirano decidira que não eram dignos de viver. Eu também era russa, mas, juntamente com a minha família, fora útil à Alemanha e, na realidade, fôramos aceites como alemães, mas até quando?

A amargura assolou-me durante dias, até que, por fim, a transformei numa crescente raiva contra o homem que causara o horrível crime que eu presenciara — Adolf Hitler.

O Hans não estava completamente certo quando dissera que o Reich deveria ser condenado. O Reich tinha de ser destruído. A ideia entusiasmou-me e horrorizou-me ao mesmo tempo.